
ALIMENTAÇÃO: O TRABALHO DE PRESERVAR E ELABORAR A IDENTIDADE E A MEMÓRIA DOS IMIGRANTES ALEMÃES NA COLÔNIA DE SANTO ÂNGELO/ RS (1850-1900)

FEEDING: THE ACT OF PRESERVING AND PREPARING THE IDENTITY AND THE MEMORY OF GERMAN IMMIGRANTS AT SANTO ANGELO COLONY/RS/BRAZIL (1850-1900)

Fabiana Helma Friedrich
Mestranda/ PPG em História/UFMS
fabihf@bol.com.br

André Luis Ramos Soares
Professor Doutor/ Departamento de História/PPGH UFMS
alrsoaressan@gmail.com

RESUMO: Em 1850 o governo Imperial entrou em contato com o governo Provincial do Rio Grande do Sul para ajustar a instalação de uma colônia de imigrantes alemães em terras devolutas na região central do Estado, surgindo dessas aspirações a Colônia de Santo Ângelo. Ao tratarmos da questão do imigrante, é válido observar a relação dele com a alimentação, com a língua, com sua história, sua identidade e memória. A alimentação dos imigrantes alemães que vieram habitar a Colônia Santo Ângelo na metade do século XIX não foi um transplante direto das regiões de onde estes partiram. Foi necessário adaptar receitas e gostos aos ingredientes e sabores encontrados no Novo Mundo. A identidade assim, pode se manifestar e se sustentar através da comida, fazendo sentido, e, ao mesmo tempo, apontando para a exterioridade que é constitutiva da alimentação. A identidade, não é estável, homogênea e acabada, está em constante movimento e é cheia de discursos construídos e reelaborados através da memória. Para tanto, nosso interesse recai sobre as questões que envolvem o imaginário de identidade e os aspectos atrelados à alimentação nas práticas sociais e como essas questões são apresentadas a partir da memória dos imigrantes alemães. A memória pode apresentar-se de forma documentada ou ainda adquirida através da oralidade, por meio de depoimentos, testemunhos, registros escritos, entre outras modalidades. Quando refletimos sobre os aportes teóricos da memória e identidade percebemos que questões do cotidiano são elementos formadores dos conceitos sobre o assunto. Nessa perspectiva, a alimentação ascende como um agente social que atuava dentro e fora das colônias de imigrantes, na região central do Rio Grande do Sul identificando questões étnicas.

PALAVRAS-CHAVE: Alimentação. Imigração. Trabalho. Identidade. Memória.

ABSTRACT: In 1850 the Imperial government entered in contact with the Provincial government of the Rio Grande Do Sul to adjust to the installation of a colony of immigrants German in vacant lands in the central region of the State, appearing of these aspirations the Colony of Santo Ângelo. When dealing with the question of the immigrant, he is valid to observe the relation of it with the feeding, the language, with its history, its identity and memory. The feeding of the immigrants German who had come to inhabit the Colony Santo Ângelo

in the half of century XIX was not a direct transplant of the regions of where these had left. It was necessary to adapt tastes prescriptions and to the ingredients and flavors found in the New World. The identity thus, can be disclosed and if support through the food, making direction, and, at the same time, pointing with respect to the externality that is constituent of the feeding. The identity, is not steady, homogeneous and finished, it is in constant movement and it is full of speeches constructed and reelaborated through the memory. For in such a way, our interest falls again on the questions that involve imaginary of identity and practical the coupled aspects to the feeding in the social ones and as these questions are presented from the memory of the immigrants German. The memory can be presented of form registered or still acquired through the orality, by means of depositions, written certifications, registers, among others modalities. When we reflect on you arrive in port them theoretical of the memory and identity we perceive that questions of the daily one are forming elements of the concepts on the subject. In this perspective, the feeding ascends as a social agent who acted inside and outside of the colonies of immigrants, in the central region of the Rio Grande Do Sul identifying ethnic questions.

KEYWORDS: Immigration. Work. Identity. Memory.

Introdução

Este trabalho é resultado de reflexões que estão surgindo no curso de Pós- Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sendo esta pesquisadora bolsista da CAPES. O projeto de mestrado é uma pesquisa que aborda a alimentação como um elemento capaz de expor relações sociais, construções de memória e preservação de identidades.

As questões que exponho neste texto são, na verdade, continuidade de uma pesquisa bibliográfica para fundamentar a dissertação de mestrado sobre as práticas alimentares dos imigrantes alemães. O corpus de análise abrange cadernos de receitas, diários de memória, cartas de imigrantes e os escritos do viajante alemão Robert Avé-Lallemant, além de um levantamento bibliográfico sobre o tema da alimentação. Sendo assim, os livros e cadernos de receitas são as principais fontes primárias do estudo.

A pesquisa tem como espaço geográfico a Colônia de Santo Ângelo, localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul. A Colônia Oficial de Santo Ângelo¹, atuais

¹ Neste período, foram fundadas as colônias provinciais alemãs de Santa Cruz, em 1849; Santo Ângelo, em 1857; Nova Petrópolis, em 1858 e Monte Alverne, em 1859 e algumas outras com recursos de particulares. A carência de produção de excedentes agropecuários para abastecer os núcleos urbanos era uma situação complicada, para a qual o Estado acreditava ser o projeto de imigração a solução. Para isso, incentivou-se a implantação de colônias para produção diversificada de excedentes, o que na concepção corrente da época só poderia ser feito pelos colonos europeus.

municípios de Agudo, Paraíso do Sul, parte de Dona Francisca e Cachoeira do Sul, constituiu-se no resultado concreto das aspirações do governo provincial em estabelecer um núcleo de produção agrícola na região central do Estado. Esta área, até então, fora desprezada pelos criadores de gado por ser uma região de banhados, matas fechadas, distantes de áreas urbanas e com estradas precárias. O que não impedia que partes destas áreas estivessem ocupadas por agricultores nacionais, os quais produziam nas fraldas da serra Geral (FARINATTI, 1999), mas desprezados e não lembrados pelos administradores locais.

A colônia pertenceu, inicialmente, ao município de Cachoeira do Sul, distante da cidade cerca de 80 quilômetros e bastante próxima do Rio Jacuí, em torno de 12 quilômetros. Os imigrantes alemães de diferentes origens e regiões chegam em 1857. Tal processo exigiu dos imigrantes e de seus descendentes a construção de uma identidade diferente, a de imigrante alemão. Os primeiros imigrantes chegaram da Europa no vapor “Irene”, vindos de Hamburgo para o Rio Grande do Sul. A maior parte dos que se estabeleceram na colônia eram originários da cidade de Lubow, Província da Pomerânia (região de Naustettin/Alemanha) (WERLANG, 1995). Os colonos imigrantes exerciam as mais variadas profissões em sua Pátria de origem; entretanto, seguindo a Lei da Imigração, o governo Provincial destinou-os para os lotes rurais e eles tiveram de se tornar agricultores². Neste contexto, a alimentação teve um papel fundamental.

É válido lembrar que a imigração alemã organizada para o sul do Brasil se inicia na primeira metade do século XIX. Os imigrantes alemães vêm para o Brasil em um período conturbado. Entre os motivos para ocorrer à imigração para o Brasil, estava à necessidade de mão-de-obra e de gente para ocupar espaços geográficos que consideravam desabitados e improdutivos. Na Europa essas pessoas que desejavam imigrar, passavam por um período de reorganização econômica e política, o qual originou um grande excedente populacional³.

²Ver FRIEDRICH, Fabiana H. Trabalho final de graduação apresentado em dezembro de 2012 no Centro Universitário Franciscano. “O tesouro das famílias: cadernos de receitas e a adaptação da culinária dos imigrantes alemães (Rio Grandedo Sul: 1850-1930)”.

³ Sobre o contexto econômico e social da Alemanha no século XIX, ver: (CUNHA, 1991, p. 18-40). No início do século XIX, a Alemanha ainda não constituía um Estado, uma unidade política, como conhecemos hoje. Ela era formada pelo Império Austríaco, por cinco Reinados (Prússia, Baviera, Saxônia, Hannover e Württemberg), um Eleitorado (Hessen), 18 Ducados e Grão-Ducados, 13 Principados e quatro cidades. A Unificação na da Alemanha vai ocorrer em 1871.

Os imigrantes, recém-chegados ao Brasil, enfrentaram adversidades, comum a qualquer imigrante que deixa sua terra. Depois de uma longa viagem marítima e terrestre, essas pessoas foram distribuídas pelas glebas de terras (linhas/lotes), viram-se diante de desafios não imaginados. Tiveram que organizar suas vidas em condições geográficas, climáticas e socioculturais diferenciadas, derrubar a floresta, plantar roças, construir casas, abrir estradas e picadas. E ainda encontrou uma sociedade com outra língua e com costumes estranhos para eles. Um país oficialmente católico que colocou restrições à vida cotidiana e à expressão religiosa daqueles imigrantes. Assim, unidos pela vontade de vencer tecem uma nova estrutura e configura uma nova identidade, a de imigrantes.

Ao tratarmos da questão do imigrante, é válido observar a relação dele com a alimentação, com a língua, como o meio ambiente, com sua história, sua memória e sua identidade. A identidade, não é estável, homogênea e acabada, está em constante movimento e é cheia de discursos construídos e elaborados de acordo com o momento vivido pelo grupo de pessoas. É a partir do discurso que construções imaginárias são constituídas e (re) produzidas. Para tanto, nosso interesse recai sobre as questões que envolvem o imaginário de identidade e os aspectos atrelados à alimentação nas práticas sociais e como essas questões são apresentadas a partir da memória dos imigrantes alemães.

A construção da memória e da identidade através da alimentação

Memória e identidade são ideias centrais nas teorias clássicas das ciências humanas e sociais, presentes em reflexões de diferentes áreas e orientações teóricas como nas análises da memória e/ou da identidade por autores tão diferentes quanto Jay Winter, Jacy Alves de Seixas, Henri Bérghson, Pierre Nora, Michel Maffesoli, Walter Benjamin, Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, Gerard Namer, e Phillipe Áries, Norbert Elias, Paul Connerton, Erving Goffman, Stuart Hall, Paolo Montersperelli, Paul Ricoeur, entre outros.

A História tem como um dos seus componentes importantes à memória. A memória é a matéria prima do historiador ⁴. É uma construção psíquica e intelectual que acarreta uma

⁴ Por envolver uma dimensão psicológica a memória figura-se como algo subjetivo. O caráter psicológico da memória sugere a presença de outras ciências tais como a psicologia e a psiquiatria. A principal função do historiador seria ordenar este material de uma maneira coerente, dando sentido a seu próprio trabalho. Ao

representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Por sua vez, podemos dizer que a memória é composta de lembranças, ressentimentos e de esquecimentos, partindo sempre de uma realidade existente, constituída e vivida por seres humanos ⁵. A memória é, assim, uma fonte de informações sobre essa realidade. Lembrar ou esquecer daquilo que aconteceu é uma ação que atinge não apenas os indivíduos, mas também pode alcançar a coletividade, esta, construída pelos grupos ⁶.

Quando pensamos na alimentação como um elemento formador de memória e de identidade, é importante falar de “construção” ou “invenções” seguindo as ideias de alguns historiadores. Como Eric Hobsbawm e Terence Ranger que tangem e mostram os conceitos de tradição e de tradição inventada relacionando-os com o conceito de tradições culinárias, conforme propõe Máximo Montanari. Pensando assim, não podemos deixar de fora uma reflexão sobre memória a partir da ideia de memória coletiva de Maurice Halbwachs e do enquadramento da memória, proposto por Michel Pollack. Por fim, não tem como deixar de fora o antropólogo Fredrik Barth sobre a concepção de grupos étnicos e identidade étnica como suporte para discutir a produção de etnicidade expressa através da comida, especialmente através das tradições culinárias, inseridas na memória coletiva e em constante processo de reelaboração por parte dos imigrantes alemães e seus descendentes. São múltiplos conceitos a serem abordados e uma tarefa nada fácil.

A presença da imigração configurou características marcantes nos sistemas alimentares da região central do Estado do Rio Grande do Sul. Com o processo imigratório ocorreu à construção de uma nova configuração alimentar nessa sociedade, derivada do contato entre diferentes tradições culinárias. As trocas, as negociações, as adaptações e as inovações/invenções alimentares que ocorreram na formação das colônias de imigrantes,

fazer isso, o historiador deve, ao mesmo tempo, filtrar os aspectos subjetivos da memória colhida. Ver <http://www.webartigos.com/artigos/historia-e-memoria-alguns-conceitos> Acesso em 20/05/2014.

⁵ Ver ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Unicamp, 2001, p.15-36.

⁶ A memória pode apresentar-se de forma documentada ou ainda adquirida através da oralidade, por meio de depoimentos, testemunhos, contos, entre outras modalidades. Historiadores que trabalham com a história oral devem uma atenção maior à questão da subjetividade implícita no discurso, que no caso da oralidade é muito maior que nas fontes documentadas originalmente. Os bancos de dados também podem ser uma fonte de memória documentada. Ver <http://www.webartigos.com/artigos/historia-e-memoria-alguns-conceitos> Acesso em 20/05/2014.

quando diferentes grupos de estrangeiros e nacionais passaram a conviver de maneira mais próxima. De início a alimentação era composta por itens básicos, buscavam sobreviver, até que novos produtos foram chegando à mesa. Segundo uma das fontes⁷ consultadas, a reclamação no início eram constantes.

É fato que os hábitos alimentares são instrumentos vivos que marcam a história das civilizações humanas. Em cada época, os alimentos refletiram os comportamentos da sociedade de acordo com o pensamento político, social e avanço científico. Nesse sentido, não se pode negar que a culinária de um povo representa suas tradições culturais, sua compreensão étnica e de grupo. Guarda em suas receitas um valioso patrimônio que deve ser preservado como qualquer obra de arte ou monumento. Cozinhar é um ato cultural e toda nação ou região tem uma marca que identifica sua cultura culinária. No caso dos imigrantes, mesclam a sua alimentação tradicional com produtos locais, reformulando suas receitas.

Conforme antropólogos, sociólogos e historiadores da alimentação, quando uma população que emigra traz consigo um conjunto de práticas ligadas à sua alimentação, mesclando ou acrescentando possibilidades e práticas alimentares no novo lugar em que passam a viver se adequando ao sistema alimentar local, mas interferindo nele a partir dos hábitos que trazem consigo (FLANDRIN; MONTANARI, 1998).

Segundo Lévi-Strauss (1984), o homem ao chegar a um lugar diferente, percebe-se vulnerável e suscetível a forças maiores que ele e, devido ao medo do novo, busca unir-se aos mais próximos, neste caso, a outros imigrantes, mesmo que tenham origens étnicas variadas, pois os imigrantes que chegam à colônia de Santo Ângelo possuem várias profissões e vem de regiões distintas. Como os ingredientes disponíveis eram diferentes aos que estavam acostumados na Europa e, considerando que era um contexto histórico em que o “supermercado” não existe, algumas perguntas começam a surgir.

A culinária vem acompanhando o homem através dos tempos, misturando ingredientes, técnicas, usos e costumes, regras morais e religiosas, aspectos geográficos, políticos e sociais. Ao refletir sobre o tema da alimentação, percebemos que o alimento não é

⁷ Ver os relatos do viajante e médico alemão Robert Ave-Lallemant na publicação “Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858”. Robert Christian Berthold Avé-Lallemant, alemão nascido em Lubeck em 1812, médico de formação. Após breve passagem pela capital da Província faz visitas às colônias de imigrantes alemãs, passando pela colônia de Santo Ângelo em 1858.

simplesmente um objeto nutritivo que permite saciar a fome, mas algo que também apresenta um significado simbólico em uma determinada sociedade. O alimento constitui uma categoria histórica, pois os padrões de permanência, mudanças dos hábitos e práticas alimentares têm referências na própria dinâmica social. Os alimentos não são, portanto, somente alimentos. De fato, alimentar-se pode ser compreendido como um ato nutricional, porém, o “comer” é um ato social, constituído de atitudes, ligando-os aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações de cada grupo étnico ou social.

Partindo de elementos similares, diferentes culturas preparam sua alimentação de diversas formas, construindo conjuntamente, suas identidades como povo (FLANDRIN & MONTANARI, 1998). Essa variedade no preparo das receitas está condicionada pelos valores culturais e códigos sociais, a partir dos quais as pessoas compreendem a si mesmas (SCHLÜTER, 2003).

Quando se toma a decisão de imigrar, na mesma proporção se está decidindo deixar um pouco da sua história e de tudo que se viveu até aquele instante. Neste momento, o que se carrega de identidade pessoal está na memória, nos poucos pertences que se traz na bagagem para a nova vida e no nome que se usa para apresentar-se. É próprio supor que é um novo sujeito que está a surgir. As memórias da sua terra natal estarão mais fortes do que nunca, porque ninguém quer se desfazer de suas bagagens culturais. Trata-se de uma maneira de proteger sua história, sem que sejam perdidas suas recordações. Pois, como coloca Hall :

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HAAL, 2006, p. 38).

A citação nos leva a refletir sobre a bagagem cultural que está agregada à formação dos grupos de imigrantes, fazendo-se presente na construção da nova comunidade no país escolhido. Uma memória cultural e uma identidade fantasiada de certa forma tornam-se real. Os imigrantes, sem respaldo público, construíram as suas comunidades e nelas constituíram a sua identidade de forma muitas vezes isolada, conservando uma bagagem cultural e elementos

identitários que não se apagam de uma hora para outra, e estes são repassados para as próximas gerações.

A formação identitária está ligada ao novo espaço territorial no seu cotidiano. Nesse sentido, o sujeito traz consigo todas as coisas aprendidas que o constituem e o identificam. Entre muitos elementos que os imigrantes trouxeram, destacamos a língua alemã, que permeava o dia a dia das pessoas nas diferentes instâncias, como nos cultos, nas aulas, nos ornamentos das casas e na transmissão de receitas culinárias, que “ganhavam mais força de identidade quando ensinados na língua” dos imigrantes (WERLANG, 1995, p. 28).

Valeri sugere e contribui dizendo que a comida dos imigrantes é dos últimos elementos a se desnacionalizar. Compara a relação da comida com a “língua materna”. Nesse caso, fala de uma “alimentação materna”, representada por certas dominâncias alimentares que resistem à mudança, argumentando que os emigrantes podem abandonar todas as tradições de seus países de origem, até mesmo a língua, mas podem permanecer fiéis a algumas tradições culinárias, mesmo que tenham que adaptar suas receitas com novos ingredientes. (VALERI, 1984).

Luce Giard em seus trabalhos fala sobre a importância da comida como um dos elementos que sobrevivem por mais tempo enquanto referência à cultura de origem, se não de maneira cotidiana, ao menos em dias de festa. Para a autora a comida é uma das maneiras de sentir e de representar a pertença a outro solo, a outra cultura, fervilhada de memória e identidade (CERTEAU, 1996). Assim, esses autores apontam a fundamental relação que se estabelece em contextos migratórios, de interação entre diferentes grupos étnicos e suas gerações entre a comida, a memória e os sentimentos de identidade.

Nessas situações relacionais os hábitos, práticas ou tradições alimentares podem agir como sinais diacríticos na demarcação de fronteiras identitárias. Partindo dessa ideia, consideramos, nos estudos em História e Cultura da Alimentação, que o preparo dos alimentos pode variar de um grupo para outro, tornando a cozinha de uma sociedade particular, singular e reconhecível, construída e organizada no fazer-se do processo histórico que a organizou, conservando ou reformulando a identidade e a memória gastronômica.

Maurice Halbwachs afirma que a lembrança é uma reconstrução do passado com o auxílio de dados cedidos pelo presente e, além disso, preparadas por outras reconstruções

feitas em ocasiões anteriores e de onde a imagem do passado se explanou bem deformada. Segundo este autor, a lembrança pode, a partir da convivência em sociedade, ou em grupos dentro de uma sociedade, ser construídas e simuladas. Esta simulação acontece quando as lembranças entram em contato com as lembranças de terceiros sobre assuntos em comum que por sua vez implicam na percepção do passado, aumentando a quantidade de informações sobre o mesmo fato. Halbwachs completa afirmando que não existe uma memória que seja uma "imaginação pura e simples" ou representação histórica que não passe pelo sujeito referencial.

A memória pode apresentar-se de forma documentada, no caso da alimentação através dos cadernos e livros de receita ou ainda adquirida através da oralidade. A transmissão oral da memória foi algo muito praticado até hoje, no caso da alimentação é bastante comum passar o conhecimento de receitas pela oralidade. Essa é uma das dimensões que a comida pode assumir quando se pensa na alimentação, não apenas como um ato nutricional ou biológico, mas enquanto um ato cultural, considerando os sistemas alimentares enquanto sistemas simbólicos ou até mesmo um meio de transmissão para as próximas gerações. Nessa perspectiva a alimentação torna-se uma categoria de análise histórica e colaboradora na formação de memória e de identidade.

No ambiente doméstico dos imigrantes e dos descendentes observa-se a construção de uma memória gustativa ou individual relacionada ao sabor dos alimentos provados desde a infância nas refeições. No saber/fazer, alimentar é transmitir saberes, valores, sensibilidades e memórias individuais que passam a pertencer ao coletivo do grupo.

Para Halbwachs a memória é produto social, produto de um sistema posto sobre determinadas características ou fatos sociais, espaciais e temporais, composto por grupos de pessoas que nas suas relações compartilham ou assimilam informações, e com isso constituem memórias. A memória coletiva fornece dados para a constituição das memórias individuais. Sendo assim, a memória estaria contida na sociedade que a (re) constrói. Para essas memórias, são pinçados do passado fatos que de alguma forma se relacionam com o presente, na medida em que outros tantos podem ser esquecidos.

A comida expressa memórias familiares associadas à terra de origem. No ato de comer e cozinhar em grupo são transmitidas também as memórias de um passado mais distante, nem

sempre vivenciado pelos indivíduos, mas, presente na memória coletiva. Como as memórias da imigração, legitimadas e relembradas pelas celebrações, festas, iniciativas turísticas e políticas que destacam práticas culinárias que remetem aos imigrantes e ao passado imigratório. Nesse caso os pratos ganham um caráter emblemático representando um tesouro herdado dos antepassados imigrantes. Um reconhecimento pelos descendentes a ser preservado como um bem simbólico, um bem que marca as origens e rupturas do passado e do presente e que constitui um campo aberto à pesquisa para refletir sobre as múltiplas dimensões que a comida assume para os descendentes.

A importância da comida na vida dos descendentes de imigrantes alemães e de seus antepassados, tanto no cotidiano como no espaço público e o forte investimento que remetem às suas tradições culinárias no Rio Grande do Sul têm chamado atenção desta pesquisadora não somente pelo caráter material que reveste essas tradições, mas especialmente pelos aspectos simbólicos que podemos revelar através dessas mesmas tradições e das práticas que as envolvem.

Os imigrantes alemães transformaram a paisagem do Rio Grande do Sul com suas roças de produções agrícolas, mas eles mesmos sofreram mudanças na forma de ver o mundo, desde aspectos culturais até a sua culinária e sua língua. A comida está tão entremeada com as emoções humanas desde o início de nossas vidas, que o ato de comer acaba por tornar-se, inevitavelmente, uma forma de expressão da nossa personalidade e de inserção em um determinado grupo (CRUMPACKER, 2009).

Portanto, a presença das tradições culinárias entre os descendentes de imigrantes, transmitidas e recebidas em diferentes momentos e de diferentes formas ao longo do século XIX e início do XX, constitui mais que um vestígio da alimentação do período imigratório e que contribuiu para a formação de um sistema alimentar complexo, com marcas ao longo desse período.

Ao perceber as dinâmicas e os jogos de permanências e adaptações no campo da alimentação, a comida permite adentrar um intrincado universo de representações, significados, de expressões de afetividades, de produções de memórias e de identidade. Esse último item assume importância fundamental em nossa pesquisa, pois nos referimos a uma comida em

constante diálogo com a formação de grupos étnicos e de fronteiras identitárias ocorrido no contexto imigratório e com os quais essas tradições culinárias estão associadas.

Ao considerarmos a alimentação um dos elementos que formam e que expressam nossa identidade cultural, social, regional ou étnica (DA MATTA, 1987), a estamos compreendendo como uma forma de imigrantes preservarem em traços de sua identidade e repassá-las a seus descendentes. Em outras palavras, a adoção de hábitos culinários provindos de imigrantes expressa a troca de experiências e o contato entre a sociedade receptora e pessoas oriundas de culturas estrangeiras. A alimentação indica costumes e é uma forma dos imigrantes não perderem parte de sua identidade, uma vez que através da culinária, estão sempre reforçando hábitos e costumes e fazendo com que a memória se torne coletiva.

Ao observarmos as tradições culinárias entre os descendentes de imigrantes alemães verificamos que muitos pratos são confeccionados para compor cerimônias e rituais como: Natal, Páscoa, festas de casamento e comemorações familiares, embora no cotidiano também se pratique uma culinária com fortes referências aos saberes transmitido através das gerações de descendentes. Dentro do imaginário popular a respeito da culinária alemã aqui no Brasil normalmente lembram-se de fartura à mesa, hospitalidade, preocupação constante em agradar um convidado e, entre outras coisas, o gosto de misturar doces e salgados. Temos ainda as compotas de frutas e as conservas de várias hortaliças presentes nas refeições dos descendentes de imigrantes. Nesse aspecto, a comida adquire um sentido simbólico, não apenas enquanto uma prática cotidiana, mas uma prática ritualizada, portadora de memórias.

Portanto, algumas questões nos inquietam ao tratar o tema da presença e manutenção de tradições culinárias na comunidade marcada pela imigração. Uma das hipóteses levantadas por essa pesquisadora, é que seria as memórias despertadas pela comida nas narrativas de um passado imigratório e de adaptação à nova terra, um dos elementos possíveis que permitem aos descendentes reafirmar sua identidade étnica.

Compreendemos que a memória é uma construção no presente a partir de experiências vividas. O que é lembrado ou esquecido individualmente se relaciona à memória do grupo de convívio e o que é lembrado depende do valor atribuído ao que é narrado e rememorado, conforme propõe Maurice Halbwachs (1990). Eles enfatizam a pertença étnica e podem ser

representados através de diferentes sinais de identificação como na língua, na alimentação, nas práticas religiosas, entre outros.

Quando refletimos sobre os aportes teóricos da memória e identidade percebemos que questões do cotidiano são elementos formadores dos conceitos sobre o assunto. Nessa perspectiva, a alimentação ascende como um agente social que atuava dentro e fora das colônias de imigrantes, na região central do Rio Grande do Sul identificando questões étnicas.

Considerações finais

Todo este assunto sobre memória e identidade constitui uma novidade para os autores deste trabalho, que não se consideram competentes para desenvolver uma crítica suficientemente fundamentada do pensamento dos autores estudados. Por isso, esse texto é somente uma reflexão dos temas trabalhados. Entretanto, vale ressaltar que o trabalho estudado desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento da capacidade analítica, além de suscitar um conhecimento sobre os pressupostos teóricos que irão compor a pesquisa sobre as questões alimentares do grupo de imigrantes em questão.

Uma questão já é possível afirmar. A comida se constitui, também, enquanto uma narrativa da memória coletiva, na medida em que determinados pratos passam a ser apropriados, apreciados e fruídos por toda a comunidade, e não apenas pelos descendentes, tornando-se parte de um patrimônio coletivo. Ao ser evocado, valorizado e até mesmo inventado, esse patrimônio é por vezes explorado por diferentes iniciativas políticas, turísticas e midiáticas, enquanto estratégia de desenvolvimento local ou regional, contribuindo para os processos de construção e transformação das identidades da memória.

Mais do que nostalgia, a comida pode ser um vínculo com a identidade nacional de origem, uma das formas de manutenção da mesma no novo território, uma forma de identificação entre seus pares ou até mesmo de marcação de diferenças entre os diversos grupos existentes. Ao escolherem a Colônia Santo Ângelo como nova morada, os imigrantes alemães procuraram refazer suas vidas e adequar-se a uma nova identidade que permitiu a eles preservar certos traços culturais do seu lugar de origem e adquirir outros ao se inserir na

sociedade brasileira, estabelecendo desta forma, pontos de apoio, na convivência entre si e com os brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. (Trad.) In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia. (Org.) **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

AVE-LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CUNHA, Jorge Luiz. **Os Colonos Alemães de Santa Cruz do Sul e a Fumicultura. Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul 1849-1881**. Santa Cruz do Sul: FISC, 1991.

CRUMPACKER, Bunny. **A Vida Sexual dos Alimentos - Uma Viagem Através da História e da Psicologia da Comida**. São Paulo: Ideia e ação, 2009.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro : Guanabara - Koogan, 1991.

_____. **Sobre o simbolismo da comida no Brasil**. O Correio, Rio de Janeiro, v. 15, n. 7, jul. 1987.

FARINATTI, L.A.E. **Sobre as cinzas da mata virgem: os lavradores nacionais na província do Rio Grande do Sul (Santa Maria: 1845-1880)**. Porto Alegre: PPGH-PUCRS. Dissertação de Mestrado, 1999.

FREYRE, G. **Novo mundo nos trópicos**. São Paulo: Nacional/Edusp, 1969.

FRIEDRICH, Fabiana H. **“O tesouro das famílias: cadernos de receitas e a adaptação da culinária dos imigrantes alemães (Rio Grande do Sul: 1850-1930)”**. Trabalho final de graduação apresentado ao curso de História - UNIFRA. Santa Maria: UNIFRA, 2012.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1990.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **El origen de las maneras de mesa**. Mitológicas III. 5 ed. México: Siglo XXI, 1984.
- POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- _____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2004.
- ROCHE, Jean. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.
- SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: EdunB. 1994.
- SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.
- VALERI, Rene. **A alimentação**. Enciclopédia Einaudi. 4a ed. Lisboa: Imprensa Nacional, v.16, 1987.
- WERLANG, William. **A colônia de Santo Ângelo**. Agudo: Editora Werlang. 1995.
<http://www.webartigos.com/artigos/historia-e-memoria-alguns-conceitos>. Acesso em 20/05/2014.